

# Condução da economia divide os empresários

Brasil  
13 NOV 1991

por Luci Moraes  
de São Paulo

Embora concorde com a política adotada pelo governo — que descarta a possibilidade de hiperinflação e de um choque econômico, considerando um período de estagflação —, o presidente do grupo Fenícia, Jorge Simeira Jacob, acha que o mercado só se auto-ajustará, como acredita o ministro Marcílio Marques Moreira, se estiver totalmente liberalizado. “Isto não acontece. A intervenção do Estado é grande, através do contingenciamento do crédito e do fato de o governo ser o grande domador de empréstimos do País”, destaca defendendo também a aceleração da liberação das importações para impedir os cartéis e oligopólios de continuar a ditar os preços de diversos insumos. Mesmo concordando que os efeitos da atual política econômica são muito penosos, Simeira acha que existe uma dramatização da realidade e que as empresas têm capacidade de se adaptar a ela.

A mesma posição não é compartilhada pelo presidente da Associação Comercial de São Paulo (ACSP), Lincoln da Cunha Pereira, que horas antes havia participado de uma reunião na Associação com 130 empresários que se uniram à Comissão de Mobilização da Sociedade Civil na busca de soluções para a crise. Pereira fez um aler-

ta ao ministro da Economia durante encontro da FIESP, afirmando que a manutenção dos juros altos, do quadro recessivo e da alta carga tributária incidente no segmento comercial levará à quebra de um grande número de pequenas e médias empresas, cujo número de empregados é bastante representativo.

Já o presidente da Aço-técnica S.A., Sylvio Tuma Salomão, disse ao sair da reunião, que Marcílio só re-petiu o que já havia dito: manterá a política de juros altos. “Na verdade, todo o mundo defendeu a adoção dessa política como caminho para a economia voltar à normalidade. Só não se imaginava que o sacrifício seria tão grande”, acrescentou.

Para o presidente da Copaf, Abraão Kasinsky, que enfrenta uma greve em sua empresa pela demissão de cerca de mil funcionários, disse que; “Agora, só resta acreditar no otimismo demonstrado pelo ministro Marcílio quanto à eficácia das medidas adotadas”. Um pouco mais animado, o diretor-presidente da Olivetti do Brasil S.A., Enrico Misasi, afirmou: “Pela primeira vez, temos um programa econômico democrático, liberal e capitalista, o mesmo que conseguiu consertar países do Terceiro Mundo como o Chile e México, além da Argentina, que parece estar-se equilibrando”.